



Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços

N.º 30 – 2008

UMA SÓ FAMÍLIA COM O MESMO CARISMA

Certos acontecimentos, vividos nestes últimos tempos pela Ordem Secular, com imensa alegria, fizeram-me pensar alto. Como seu assistente espiritual não posso deixar passar estes factos sem trazer à superfície a espiritualidade que lhes está subjacente e os anima para não ficarem sujeitos à regra da moda.

A participação da Ordem Secular, a nível de Secretariado, na inauguração da *Domus Carmeli* e no Capítulo Provincial foi para muitos motivo de grande alegria. O P. Geral manifestou-o, por gestos e palavras, ao ver na inauguração da nossa casa, os Padres, as Irmãs Carmelitas de clausura e os leigos pertencentes à Ordem Secular, todos presentes.

Este é o Carmelo sonhado e iniciado pela nossa Santa Madre e vivido de geração em geração de “bem em melhor”. A Madre Teresa injectou no Carmelo um espírito de comunhão a todos os níveis que deve ser avivado cada vez mais. Ela sentia já o pulsar de uma Igreja-comunhão.

Esta Igreja, reunida em Concílio, apresentou-nos uma eclesiologia de comunhão. O Espírito Santo, que é a origem de todos os carismas, soprou fortemente sobre as cinzas de uma comunhão meio apagada, e apareceu no Concílio Vaticano

II uma Igreja de Comunhão, que arranca da comunidade trinitária. E a Santíssima Trindade não só está na origem de toda a comunhão e relação, mas também é o seu modelo único.

O Deus de Jesus não é um Deus solitário, mas um Deus que vive em comunhão do amor do Pai e do Filho e do Espírito Santo. E esta comunhão não é estática nem fechada em si mesma. As três divinas pessoas constituem

uma unidade dinâmica. São iguais e distintas ao mesmo tempo. Mas, a igualdade não se dá na uniformidade mas na diferença e na relação entre elas. “Adoramos três pessoas distintas de única natureza e iguais em dignidade”. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são “concordes na Trindade” precisamente naquilo que os distingue, ou seja, a harmonia na Trindade vem precisamente na diferença entre as Pessoas. A comunhão trinitária “faz-se” da diferença e não da uniformidade.

O Concílio Vaticano II recuperou a realidade da Igreja como mistério de comunhão, que não é algo novo, mas simplesmente algo que se tinha esquecido. A Igreja é obra da Trindade, ou seja, um povo em comunhão; vem a ser como a extensão da Trindade no tempo. A Igreja nasce da Trindade, está cheia da Trindade e tem as suas raízes na Trindade.

Nesta comunhão, nem todos têm os mesmos carismas nem realizam as mesmas funções ou serviços. A comunhão eclesial junta pessoas que possuem carismas para edificação da mesma Igreja. Esta unidade de todos na missão comum não se opõe à diversidade de funções, pelo contrário. Como na Trindade, cada uma das Pessoas é distinta

e actua distintamente.

Nesta Igreja que somos nós não há uma comunhão activa e outra passiva. Enquanto na Igreja houver uma parte que fala e outra que consente, uma que decide e outra que cumpre, uma que pensa e outra que recebe o pensado para o executar, não temos *Igreja de comunhão*. Nesta Igreja de Deus todos temos necessidade uns dos outros para pensar e para executar.



E o que dizemos a respeito da Igreja, dizemos do Carmelo. O Carmelo tem uma missão a desempenhar na Igreja. E o Carmelo não é só os Padres, nem só as Irmãs de clausura. Os leigos, juridicamente unidos à Ordem, também fazem parte do Carmelo. Ninguém pode responder por separado, nem ninguém pode responder por todos. A eclesiologia de comunhão exige de nós uma mudança de atitude.

P. JEREMIAS CARLOS VECHINA, OCD

“Antes de programar iniciativas concretas, é preciso promover uma espiritualidade da comunhão, elevando-a ao nível de princípio educativo em todos os lugares onde se plasma o homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, os consagrados, os agentes de pastoral, onde se constroem as famílias e as comunidades.” - NMI 43.

Relações Trinitárias

Isabel está prestes a separar-se de todos de um modo definitivo e radical. Uma grade se vai interpor entre ela e todas as pessoas amigas que romperá quase todos os meios normais de comunicação. A partir daqui o encontro com os familiares será esporádico e privado de um possível gesto fisicamente afectivo. O instrumento de maior ligação, embora também muito limitado, será a correspondência.

Num encontro com o P. Vallée, Isabel entendeu que tudo está trespassado por um Amor capaz de superar todo e qualquer obstáculo e abater todas as barreiras.

A vida trinitária não é um dogma abstracto, um difícil problema que o homem tenha que resolver, mas uma cálida realidade divina que impregna a existência de tudo o que existe, a harmoniza e a conduz para uma comunhão cada vez mais plena e beatificante.

Se nós nos mantemos distraídos e navegamos à superfície, intercambiando simplesmente mensagens sem sentimento e sem verdade, temos que nos deter perante o mistério de “comunhão universal”, embora apareçamos isolados. É verdade que, num mundo onde os homens chamam comunicabilidade e diálogo aos intermináveis monólogos, aquele que se detém a escutar a voz que fala ao coração e no coração parece que se isola.

Isabel compreendeu perfeitamente isto. Em carta ao P. Vallée escreve precisamente: “Querido Padre, o senhor disse-me que para as almas não há distâncias. Pois tenha por bem ter a minha perto da sua, dentro da sua, de modo que seja tomada de todo por Cristo e não seja eu quem viva já, mas que Ele viva em mim” (C 150).

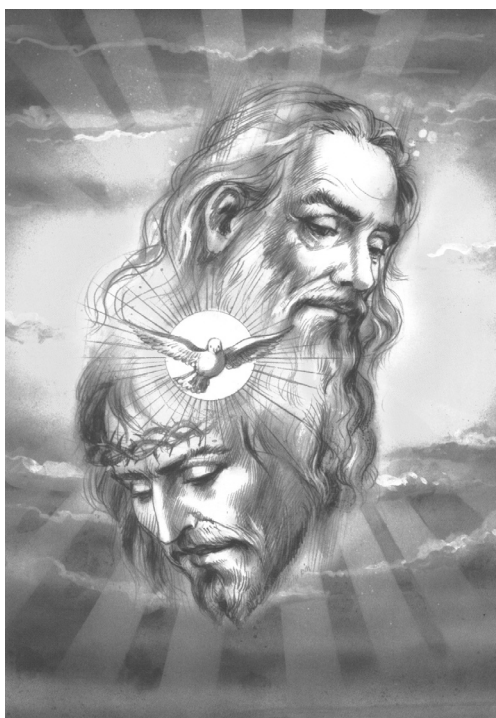
Os ensinamentos, acerca deste grande mistério trinitário, recebidos por Isabel, têm um elemento que pode

parecer secundário, mas não o é: referimo-nos à vertente intra-humana deste mistério. Uma alma verdadeiramente trinitária tem uma concepção trinitária de todas as relações. Ela aplica à humilde e afectuosa relação entre as pessoas aquilo que ela sabe da relação entre as Pessoas

divinas. Esta é a doutrina que Isabel comunicará com maior assiduidade e ao maior número possível de interlocutores. A quem ela encontra preparado para entender esta doutrina, Isabel explicá-la-á até às suas mais abismais profundidades trinitárias.

“Para as almas não há distâncias”: esta é a verdade “mais humana”, que Isabel procurará enriquecer infinitamente. Trata-se de um tema que nunca foi muito sublinhado, mas de suma importância na mensagem que Isabel nos deixou. O melhor é dar-lhe a palavra. São numerosíssimos os textos que ela nos deixou, que nos mostram não só a sua sensibilidade a este respeito, mas também nos oferecem uma contemplação continuada deste mistério que Deus nos entregou.

Numa carta que ela escreveu às suas tias maternas, dois anos depois da sua entrada no Carmelo, Isabel mostra toda a sua afável humanidade: “Quando há três anos me despedia de vós, sentia no fundo da minha alma que tudo tinha terminado e que nunca mais voltaria a Carlipa para me encontrar com as minhas queridas tias, tão boas comigo. Recordam-se como corriam as lágrimas quando íamos na carruagem? Pois bem, agora resulta muito simples ir ter convosco e faço com frequência essa viagem: a oração e a união com Aquele que é o vínculo de todo o afecto são os meus meios de transporte. Não os esqueçam, queridas tias da minha alma, e vinde também a mim” (C 171).



Ao cônego Angles, escreve a 10 de Maio de 1901: “As grades, a distância, o tempo, nada me parece que possa separar as nossas almas, porque nos amamos em Deus e em Deus não há separação” (C 55; cf. C 43).

O mesmo diz à sua amiga Francisca de Sourdon, 22 de Agosto de 1901: “Nós não nos separámos, as grades não existem para os nossos corações... É, sobretudo, no fundo da alma, perto de Deus, onde te coloco e te volto a encontrar” (C 88).

Escreve à sua tia Matilde Rolland, a princípios de Outubro de 1902, dizendo: “As grades não nos separaram e as almas mantêm-se fortemente unidas; delas Deus é vínculo e o encontro; sabem sempre onde encontrar-se” (C 139).

A Francisca de Sourdon, Isabel recomenda a 28 de Janeiro de 1902: “As grades não podem ser uma separação para duas almas tão unidas... e se não sabes onde encontrar-me, a culpa é tua, porque eu indiquei-te o lugar do nosso encontro e asseguro-te que eu não falto a este encontro” (C 105).

À condessa de Sourdon, lembra a 9 de Novembro de 1902: “Querida senhora, é tão belo voltar-se a encontrar-se perto de Deus! Ele é Aquele em quem já não há distância nem separação. Compreendi-o muito bem, depois que estou no Carmelo. Parece-me que se podem ter encontros muito

verdadeiros e muito íntimos, de alma a alma. E, ao mesmo tempo, pode-se continuar a viver com os seres queridos que já estão no Céu. Também temos trato com as almas que nos estão profundamente unidas. É Deus que faz isto, acredite, querida senhora. As grades não nos separaram. O coração da sua pequena Carmelita é sempre seu, porque é Deus que o guarda... A senhora conhece bastante bem o meu coração para saber que os que entraram nele nunca podem sair do mesmo. E onde encontrá-lo melhor que naquele que é o princípio e o vínculo indissolúvel de toda a amizade profunda?” (C 146).

A Francisca de Sourdon escreve a 28 de Abril de 1903: “Asseguro-te que as grades não separaram o teu coração do meu, senão que os dois estão bem fundidos num” (C 161).

Estas afirmações podem parecer à primeira vista um pouco beatas, mas para Isabel são o fruto maduro de uma profundidade escondida. É preciso encontrar o núcleo sagrado que se esconde nelas. Isabel sabe que nunca está

“separada”, apesar de estar isolada no convento, mas precisamente porque elegeu permanecer só, ou seja, para ela trata-se de uma condição necessária.

Escrevia ela já em Abril-Junho de 1901: “São tão formosos a solidão e o silêncio... não nos resta outra coisa que fazer o vazio, desprender-nos de tudo para que não haja nada mais que Ele, Ele só... e não sejamos nós a viver, mas que seja Ele a viver em nós (Ga 2, 20). Aos pés da cruz sente-se muito bem este vazio das criaturas, esta sede infinita d’Ele” (C 49).

E desde o Carmelo escrevia: “Como contar-te a alegria que tenho cada vez que entro nesta cela amada e me encontro só com o meu Esposo, Aquele em quem tenho tudo!” (C 95). “Amo tanto a minha querida clausura, que às vezes me interrogo se não amo demais esta pequena cela onde se está tão bem ‘só com Ele só’” (C 162).

A “viagem” em direcção aos outros, ou seja, para a comunhão plena com todos, não se realiza saindo de si mesma, mas penetrando no centro mais íntimo da alma. A aparente contradição começa a resolver-se rapidamente quando tomamos consciência que a nossa intimidade é um céu, uma morada onde ferve a vida. “Parece-me que encontrei o meu Céu na terra, porque o Céu é Deus, e Deus é a minha alma. No dia em que

compreendi isto, tudo em mim se iluminou e gostaria de dizer baixinho este segredo àqueles que amo” (C 122). “Temos em nós o nosso céu: vivamo-lo!” (C 108). “O Céu está próximo, ao alcance da mão... porque Ele mora nas nossas almas. Já vês que não precisamos ir muito longe para entrar na cidade da paz, no Céu dos santos” (C 192).

Isabel dedicou a este tema um pequeno tratado espiritual: “Como se pode encontrar o céu na terra”. Escrito nos últimos meses da sua vida, é a síntese quase conclusiva de toda a sua experiência, a sua “lógica da fé”. O seu olhar de fé é, efectivamente, simplicíssimo: o céu é a morada do Deus Trindade, no qual também os homens serão acolhidos ao fim da sua vida, entrando na bela unidade que os unirá totalmente a Deus, e na plena amizade entre eles e a criação inteira. Mas, se este Deus já habita na nossa alma, é suficiente então unir-se intimamente com ele para começar a participar nesta vida plena, rica e transbordante de relações.



Quanto mais forte se faça com Ele esta unidade, tanto mais se reforçarão todos os outros vínculos. Portanto, antes de mais nada, haverá que unir-se com Cristo, neste céu interior, porque é Ele, o homem-Deus, que veio oferecer-nos a participação na vida divina.

Escreve à sua irmã convidando-a a viver esta unidade: *“Minha irmã, caminhemos cada vez mais para esta união de amor, para este ‘Uno’ com Ele...Deixemos a terra, abandonemos tudo o que é criado, tudo o que é sensível e vivamos desde agora no céu, com o nosso Amado... Eu sinto que Ele me chama a viver nestas regiões infinitas onde se ‘consuma’ a ‘Unidade’ com Ele”* (C 54).

É n’Ele que se realiza e chega à plenitude esta união das almas: *“Quando chegaremos a ‘consumar’ esta união nas nossas almas? Deus em mim e eu nele: seja esta a nossa divisa. Que gozoso mistério o da presença de Deus dentro de nós, neste íntimo santuário das nossas almas, onde sempre o podemos encontrar, mesmo quando experimentemos sensivelmente a sua presença! Que importa o sofrimento? Talvez quando menos o sintamos, esteja mais perto! É aqui, no fundo da alma, onde eu gosto de O procurar. Preocupemo-nos por O não deixar nunca só e que a nossa vida seja uma oração contínua”* (C 47).

(Continuará)

Chegamos a um ponto sem retorno

Viva estimados frades superiores e párocos. Como é do vosso conhecimento, o último Capítulo Provincial, criou a Comissão de Animação Vocacional (CAV), com o objectivo de reanimar a pastoral vocacional que tem sido, na maioria das comunidades, o «parente pobre» das nossas prioridades.

Quanto a vocações e à pastoral que as anima, apoia e encaminha batemos no fundo. E como dizia o nosso P. Geral na carta que dirigiu ao Capítulo *«chegamos a um ponto sem retorno. A perspectiva é inquietante. Conhecemos as dificuldades, as possíveis explicações do fenómeno que nos atinge...Para todos os que se apercebem desta realidade, em vez de cederem à resignação negativa, devem ver nela motivos para um renovado empenho...»*. Inspirados por estas palavras, reunimos pela primeira vez esta Comissão no dia 29 de Maio, em Avessadas. Contamos com a presença do P. Provincial.

Da oração, reflexão e entusiasmo que transmitimos uns aos outros, emergiram sonhos, linhas-força, objectivos e algumas propostas de actividade que partilhamos contigo. Pois, como animador que és da tua comunidade contamos contigo e sentimos-te como nosso especial aliado.

Não nos resignamos nem desistimos da promoção vocacional. Acreditamos que o Mestre não deixou de chamar e nós só temos que ser facilitadores do Seu convite. Acreditamos que como carmelitas temos uma proposta atraente a fazer aos jovens de hoje e que ainda temos uma reserva de energias para gastar nesta causa.

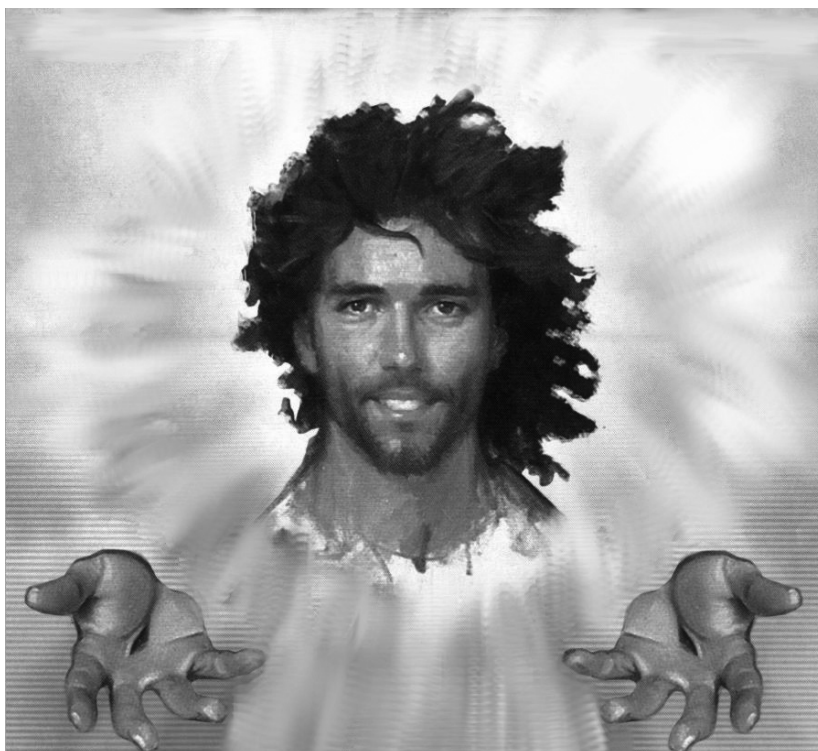
Entramos em contacto convosco nesta fase, pois imaginamos que estejam a elaborar o projecto comunitário e pastoral

das vossas comunidades (que farão chegar ao Conselho Provincial até ao dia 15 de Junho, pois reunirá dia 19 de Junho) e naturalmente que quererão fazer desta área uma prioridade.

Partimos do princípio efectivo, e não apenas retórico, de que **todos os frades e todas as comunidades são promotores vocacionais**, fomentadores de uma cultura vocacional. Ou ainda pensamos que pode ser de outra forma? A responsabilidade é de todos

nós: a todos compete rezar, testemunhar, sensibilizar, provocar, propor e chamar.

Decidimos sugerir e pedir as todas as comunidades de frades, irmãs e seculares que privilegiem as Quintas-feiras como **Dia Vocacional**, no qual as nossas eucaristias, liturgia das horas, terço e outras celebrações tenham presente



o pedido de Jesus: «Pedi ao Dono da Messe que mande operários para a sua Messe».

Além deste dia que nos há-de unir a todos, pedimos que nos enviem sugestões ou nos relatem acções que já se desenvolvem nas vossas comunidades ou paróquias neste âmbito da animação vocacional. Elas podem ser úteis e aplicáveis noutras comunidades. Também vos deixamos as seguintes sugestões, das quais pedimos que nos informem quais delas pensam implementar nas vossas comunidades:

Acções de animação vocacional na comunidade dos frades e na comunidade cristã.

Criar grupo de oração pelas vocações.

Dinamizar a Semana de oração pelas vocações.

Dedicar dias especiais à causa vocacional, tais como: novena de Nossa Senhora do Carmo, festas dos nossos santos...

Pedir a colaboração dos leigos para esta tarefa, que poderiam trabalhar em articulação directa com Comissão de Animação Vocacional. Dá-nos alguns nomes.

Investir na criação de grupos de acólitos nas nossas comunidades e paróquias. Esta Comissão propõe-se realizar já neste Verão, nos dias 6 a 10 de Julho, um campo de férias para os acólitos das nossas comunidades. Os padres Avelino e Vasco já estão a trabalhar no assunto.

Inventariar e partilhar subsídios de apoio à pastoral vocacional: temas de formação, esquemas de oração, etc... Poderíamos lançá-los na «área reservada» do nosso site e usá-los segundo as necessidades.

Organizar celebrações com o povo: Exposição do Santíssimo, Terço, Vigílias...

Participação em acções de formação na área da pastoral vocacional.

Pedir a colaboração do promotor vocacional ou de outro elemento da Comissão para alguma acção a desenvolver na comunidade.

Pedir a presença testemunhal dos nossos estudantes nalguma actividade previamente agendada.

Aguardamos a vossa resposta a transbordar de entusiasmo e generosidade, com contributos para o crescimento deste trabalho de animação vocacional.

Deitemos fora o pessimismo! Mãos à obra! «Se Deus está por nós, quem estará contra nós?» Seremos nós a lutar contra nós mesmos? Não!

Um abraço, Pela Comissão de Animação Vocacional

P. Joaquim Teixeira

“Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão: eis o grande desafio que nos espera no milénio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo”.
NMI 43

Esta espiritualidade supõe, antes de mais, um mergulhar do coração na Trindade, como a sua verdadeira fonte. Depois, a experiência profunda da comunhão fraterna no Corpo místico, para reconhecer o outro como um dom de Deus e lhe dar lugar, rejeitando todas as tentações egoístas e competitivas. “Não haja ilusões! Sem esta caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores da comunhão. Revelar-se-iam mais estruturas sem alma, máscaras de comunhão, do que como vias para a sua expressão e crescimento.” -NMI 43.

Marco Importante!

Pela primeira vez na História da Ordem do Carmelo Descalço em Portugal, os Carmelitas Seculares, representados pelo seu Secretariado Nacional, tiveram assento no Capítulo Geral, numa sessão que lhes fora dedicada em 26 de Março de 2008.

Fomos muito bem acolhidos e o Encontro começou para nós com a participação na Missa, pelas 12h.

O Padre Provincial – Pedro Lourenço Ferreira – na Sua Homília teve palavras de muita simpatia e de esperança para com este ramo da Ordem, provocando em nós um grande sentido de unidade, na Família da Mãe do Carmo.

A verdade é que partimos para o almoço conjunto com o “à vontade” com que nos incluíram naquele clima de trabalho tão sério e tão marcante.

A Presidente do Conselho Nacional – Maria Emília André – apresentou aos Padres Capitulares, presididos pelo Padre Provincial, um mapa elucidativo da implantação secular das várias comunidades no Continente e no Funchal, incluindo a totalidade de elementos, grau de compromisso e escalões etários. Referiu ainda situações pontuais das dez comunidades e com simplicidade e objectividade expressou pedidos, desejos e projectos, juntamente com as dificuldades com que se depara.

Foi francamente visível a importância dada a este facto tanto pelo Capítulo como por nós, que fizemos uma leitura muito estimulante e comprometedora, no sentido de correspondermos ao repto que compreendemos nos estava a ser lançado, simultaneamente com um acréscimo de auto-estima como Seculares organizados e reconhecidos como tal por parte dos nossos Padres Carmelitas.

O ambiente de acolhimento, alegria e espírito familiar estavam de acordo com o enquadramento natural daquele belo Convento de Avesadas.

E foi com este incentivo e sentimento de gratidão que regressou às suas comunidades, a quem comunicou a vivência deste grande dia.

Secretariado Nacional

XV Encontro Nacional OCDS

Este ano, pela primeira vez na *Domus Carmeli* em Fátima, realizou-se o XV Encontro Nacional do Carmelo Secular, tendo por principal objectivo fomentar o espírito de família na Ordem e reflectir sobre o testemunho de Esperança no mundo, ao jeito carmelita.

De todas as comunidades, incluindo a do Funchal, vieram elementos e participámos, ao todo, setenta e seis além dos Padres Provincial, Assistente Nacional, Assistentes do Porto e de Paços de Ferreira e de Viana do Castelo.

Como se tinha proposto a chegada mais cedo do que o habitual, quem quis participou no terço na Capelinha na tarde de Sexta-feira e nesse serão inseriu-se um tempo de apresentação aberto por um Power-Point com a tónica de acolhimento e integração.



Nesta altura tinha já comparecido Aveiro com cinco elementos, Avedas com dois (um casal), Coimbra com catorze, Fátima com onze, Funchal com dois (a Presidente e uma Conselheira). De Lisboa vieram dezasseis, do Porto sete e cinco de Tavira.

Cada Comunidade foi livre quanto ao modo como se manifestou; surgiram os mais variados estilos, desde oração com um certo vínculo ao local de onde vinha, a apresentações de carácter mais místico ou divertido. Este policromado resultante da criatividade de cada uma contribuiu para desfazer “lonjuras” e tornar apetecível a proximidade entre o grande grupo, a que não ficaram alheias as belíssimas condições de instalação e movimentação que a Casa oferece.

Depois de tempo orante, deu-se início propriamente ao trabalho com a leitura da acta do ano passado, acrescentando-se a notícia, também lida, da nossa ida ao Capítulo, o que consideramos um acontecimento de suma importância e até agora, penso, inédito.

O programa estabelecido cumpriu-se, tendo a manhã de Sábado incluído a Conferência do Senhor Padre Jeremias que dissecou o itinerário de conversão de Edith Stein que considera “paradigma de toda a conversão” no seu encontro tão forte com a cruz. Salientou, uma vez mais e a propósito, que a experiência comunitária é um tema de vida ou de morte, deixando ainda a interrogação de como, em cada comunidade cristã, se pode proporcionar esta prática. Tratando-se do percurso desta figura marcante que a conduziu do vácuo interior à adesão definitiva a Deus, o nosso conferencista salientou que o mundo espiritual supera a razão e que a esperança coincide com a alegria do mundo. Deixou-nos a máxima final: “A conversão é Deus Quem a faz”.

À semelhança da experiência do ano passado, a tarde de Sábado foi dedicada à reflexão em Grupos, antes da qual foi dada oportunidade às Comunidades de Paços de Ferreira (com sete elementos) e à de Viana do Castelo (com sete elementos) de se apresentarem, já que haviam chegado nessa manhã. Aqui, o tempo consagrado a este ponto foi mais longo. Nele fomos convidados a atentar sobre “O Ser e o Agir do Carmelita Secular”, apoiados nas perspectivas apresentadas no segundo Power-Point que abriu este tema. Houve heterogeneidade propositada na formação dos conjuntos. Foram propostas questões que versavam a vida da própria Comunidade, a sua projecção dentro da totalidade da Ordem Secular e fora d’Ela, com chamada de atenção para a vertente apostólica e testemunhos de Esperança no contexto actual. As conclusões partilhadas convergiram bastante para a importância da vida comunitária e inter-comunitária, tendo ficado, talvez, menos escarpado o aspecto do apostolado, porque o tempo, quando aproveitado com interesse, é sempre diminuto.

A Velada Eucarística dessa noite foi uma hora de oração muito profunda, interiorizante, numa palavra, muito carmelitana, já que sublinhou aspectos do pensamento de Santa Tereza Benedita da Cruz – instituída protectora deste Encontro -, apresentado em jeito de diálogo e inter-cortado com períodos de silêncio e cânticos orantes.

Na manhã de domingo era visível a boa disposição; até parecia que o Sábado, por tão exigente, não tinha sido cansativo!

A Nair Castro, professora universitária em Coimbra, deliciou-nos, interpelou-nos, uniu-nos com a sua Comunicação em que “se deu” (é o termo!) num testemunho pessoal de cristã carmelita assumida. Trouxe a cátedra à nossa capacidade de entender e de querer avançar no caminho do trinómio: “simplicidade – classe de ideias – vida experimentada”. Creio que constituiu um desafio lançado a todos e a cada um de nós, carmelitas seculares que, como tal, transportaremos capacidade, grandeza, paz e serenidade que nos habilitam ao diálogo entre a Cultura e a Fé.

O título da conferência – “O Caminho faz-se caminhando”- foi brilhantemente desenvolvido com exemplos da sua própria vida, ressaltando a fé que se esboçava já em criança, no seio da família.

A cultura que foi adquirindo e aprofundando a par do avanço no plano espiritual levam a nossa Irmã Nair a afirmar que encara a vida com sensibilidade e coragem, por vezes em situações bem difíceis e agressivas, em que há sempre que ter presente a possibilidade de mudar as mentalidades.

Apoiada no Cap.8 da Encíclica de Bento XVI “Deus é Amor”, na certeza que a Fé bíblica aceita o ser humano por inteiro e que a ordem do Carmelo Descalço é já presença de Cristo no Mundo, a conferencista partilhou confiança no testemunho que parte, gira e atinge o seu máximo na força do Amor.



O encerramento solene fez-se na Capela do Carmelo de São José, com a Eucaristia presidida pelo Padre Provincial e concelebrada pelos três Padres Assistentes, naquela ambiência de oração que emerge do espaço privilegiado pela arquitectónica e, principalmente, pelo coração orante e contemplativo que contagia.

O almoço foi de festa! Conversa, partilha, projectos que se reflectiram num último encontro onde cada um teve ocasião de se manifestar quanto à oportunidade e datas de próximas actividades: - Comunicação do Prof. Carlos Margaça como prolongamento do tema histórico apresentado no ano anterior; - Retiro anual para todo o Carmelo Secular.

Regressámos contentes mas também persuadidos de que há agora que, calmamente, analisar, repensar e partir para emendas e melhoramentos de vária ordem, para que destes Encontros surtam “impulsos renovados” (Const.).

Alice Montargil

Encontro intercomunidades

No dia 17 de Maio, as Comunidades OCDS “Stella Maris” do Porto e “Santa Teresinha” de Coimbra prepararam um Encontro de Convívio, Amizade e Oração. Achem que é importante encontrar tempo para parar, dialogar, partilhar e rezar juntos, com o objectivo de pôr em prática o Conselho da Santa Madre “todos se hão-de amar, todos se hão-de querer”.

Assim, bem cedo, a Comunidade de Coimbra se pôs a caminho, acompanhada pelo seu Assistente, Padre Jeremias, pois o tempo tinha de ser bem aproveitado. Começou com a Oração da manhã e passado algum tempo estava no Porto, onde já a esperava o Presidente da Comunidade “Sella Maris”, António José, que muito bem disposto, de mochila às costas, lhe deu as boas vindas e apresentou o programa para a manhã: “Presença carmelita na cidade do Porto”. Iniciou-se então, um percurso pedestre, com visitas a Igrejas (*Nossa Senhora dos Carmelitas, Terceiros do Carmo, Congregados, Fradelos...*); exterior do Hospital da Venerável Ordem Terceira; ruas (*Carmo, Carmelitas, Santa Teresa*); toponímia do extinto Mosteiro OCD de S. José e um pouco mais afastado o exterior da casa provisória da fundação e antigo mosteiro do Coração Imaculado de Maria, que

em criança o guia frequentava e onde era tratado por Zezinho. Foi aí que iniciou a sua formação na espiritualidade carmelita que depois desenvolveu muito, como hoje se viu na explicação pormenorizada de tudo, transformando-o neste excelente guia, que paciente e alegremente nos acompanhou. O programa matinal terminou no Convento dos Padres em Gondarém.

Todos os lugares visitados nos encantaram pela sua beleza e nos revelaram a grande importância que os Carmelitas tiveram para esta cidade, mas aquela magnífica Igreja de Fradelos, dedicada a Santa Teresinha, tocou dum modo especial os corações. Tudo ali traz à memória a vida da Santa! São as imagens, os altares, a azulejaria das paredes... (*estas estão cobertas de azulejos com pinturas esplêndidas, onde está retratada toda a vida da Santa*) - visão deslumbrante para os olhos! À saída comentava-se: “*mesmo que só tivéssemos visto esta Capela, já a viagem teria valido a pena!*”



Às 13 h, Coimbra foi recebida de braços abertos pelos restantes elementos da Comunidade e pelos Padres do Convento. Foi um encontro de Família. Se até ali se tinha alimentado o espírito, agora foi a vez de alimentar o físico, pois o lauto banquete que ali estava preparado, cuidado... tornou difícil a prática da virtude da “temperança”! E com que carinho ele foi servido! Sentíamos-nos ali muito bem... nem demos pelo passar do tempo! ... é quando damos espaço e tempo uns aos outros, que as comunidades se tornam conhecidas e amigas...

O melhor ficou para o fim. O ponto alto deste Encontro foi uma Oração conjunta, muito participada e vivida, onde houve lugar para meditação, contemplação, louvor, agradecimento, petição ...que nos levou a cair na conta: **O AMOR É TUDO!**

Por fim foram as despedidas, mas também aí havia mais uma surpresinha...os que partiam foram mimoseados com requintadas prendinhas, confeccionadas pelos que ficaram. Todas se referiam a Santa Teresinha, nos mais pequenos detalhes... nem a renda de Alençon foi esquecida! Bem hajam

Mª Emilia André.
Carmelita Secular

«Onde estão os três, ou seja, o Pai e o Filho e o Espírito Santo, ali está a Igreja que é o corpo dos três».

(Tertuliano)

Conselho Nacional

O Carmelo de Cristo Redentor em Aveiro acolheu o Conselho Nacional que, assistido pelo Delegado Provincial, Sr. Padre Jeremias, reuniu numa das suas salas no dia 31 de Maio de 2008.

O encontro previamente programado e perante agenda elaborada pela Presidente, teve por objectivo a avaliação do Encontro Nacional que, de modo geral e de acordo com as ressonâncias, pareceu positivo. Partiu-se daí, também com o auxílio das observações e sugestões recolhidas, para futuras melhorias e novos projectos.

A análise fez-se demorada e pormenorizadamente num clima simples, concreto e com muita independência de “olhar”.

Consolidaram-se as datas para o dia de Formação/Informação orientado pelo Carlos Margaça em 16/11/2008, para o Retiro Geral para a Ordem Secular de 9 a 11 de Janeiro de 2009 e para o Encontro Nacional de 17 a 19 de Abril de 2009. Todos a terem lugar na *Domus Carmelli*.

Ainda antes de nos separarmos para Aveiro, Lisboa e Coimbra, as Irmãs ofereceram-nos um chá e receberam-nos no locutório.

São sempre momentos de comunhão e fraternidade que nos motivam, enriquecem e entusiasmam para dar continuidade ao serviço que, responsabilmente, assumimos.

Alice Montargil, Secretária

Comunicação

Caríssimos Padres Assistentes OCDS e queridos Irmãos Amigos.

É com muita alegria que saudamos a todos e vimos comunicar que o Secretariado reuniu no dia 31 de Maio, com o Assistente Nacional, Padre Jeremias, tendo feito a Avaliação do Encontro Nacional e programado as actividades para 2008/2009. Estas realizar-se-ão no **Centro Internacional Mariano “Domus Carmeli” em Fátima** com as seguintes datas:

- Dia dedicado à História do Carmelo – **16 de Novembro de 2008** – Carlos Margaça.

Nota: *As inscrições devem ser feitas para o meu endereço até 30 de Setembro.*

- Retiro destinado a todo o Carmelo Secular – **9 a 11 de Janeiro** de 2009

Nota: *Este retiro é aberto a outras pessoas que desejem participar*

- Encontro Nacional da OCDS – **17, 18 e 19 de Abril** de 2009.

Nota – Mais tarde enviaremos detalhes.

Chegámos à conclusão: **os encontros vivificam**. Mais além das nossas dúvidas e dos nossos medos, todos temos um ser genuíno, no qual brilha a presença de Deus.

Nota-se que cada vez mais vivemos nesse centro, onde mora Deus que é o Carmelo Teresiano e nos sentimos impedidos a pormo-nos a caminho ao encontro dos outros... Vão desaparecendo as distâncias entre nós, para dar lugar à abertura que permite deixar-nos surpreender e reconhecer as maravilhas que Deus faz em todos!

Em nome do Secretariado, quero agradecer a todos a cooperação dada, para que tudo tivesse decorrido de acordo com os objectivos traçados. É verdade que houve muitas lacunas, mas com a ajuda que nos tendes vindo a dar com as vossas sugestões e observações, procuraremos melhorar a organização do próximo Encontro, contando sempre convosco.

Recebam de todos nós um grande abraço e os desejos dumas férias alegres e abençoadas.

Conselho Nacional

Pais de Santa Teresa do Menino Jesus a caminho dos altares



Luís e Zélia Martin, pais de Santa Teresa de Lisieux, poderão ser brevemente declarados beatos. No marco do seu processo de beatificação, os seus restos mortais devem ser exumados, e como tudo indica, trasladados para a cripta da Basílica. Luís e Zélia Martin foram declarados veneráveis em 1944, e a partir daí são objecto de veneração. Na celebração do 150º aniversário do seu matrimónio, muitos dos peregrinos que vão a Lisieux pedem a sua beatificação.

Por ocasião da trasladação das relíquias de Santa Teresa a Roma, o P. Antonio Sangalli, carmelita, recordou, em Novembro passado, “a importância” de orar pela beatificação dos pais de Santa Teresinha, assim como “pela família de hoje”. A Congregação para as Causas dos Santos publicou um decreto, aprovado por Bento XVI, reconhecendo que os Martin viveram as virtudes da fé, da esperança e da caridade de forma heróica.

Uma cura presumivelmente milagrosa de um neonato, na cidade italiana de Monza, atribuída à intercessão do casal Martin, está a ser actualmente examinada pelos especialistas da Congregação. Esperamos vê-los, brevemente, nos altares.



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços * Fotocomposição: Delfim Machado * Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina * Sede: Domus Carmeli – Rua do Imaculado Coração de Maria, 17 – 2495-441 Fátima Tel. 249 530 650 E-mail: jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt